

Invasor se recusa a deixar Samambaia

Cerca de 50 famílias que exigem lotes estão acampadas ao lado da Administração Regional; mas o governo se nega a negociar

Rosana Tonetti
Da equipe do Correio

“A farra dos lotes acabou. Não vamos apresentar nenhuma proposta enquanto essas pessoas não saírem”, afirmou o assessor da diretoria de planejamento do Instituto de Desenvolvimento Habitacional do Distrito Federal (Idhab), Paulo Valério Lima.

A frase mostra que não houve evolução para o impasse criado há 20 dias entre governo e invasores pela posse de terras públicas na QR 602, em Samambaia. No dia 2 de julho, um conflito entre policiais e invasores terminou em derramamento de sangue.

Com a remoção de 300 pessoas da invasão da QR 602 de Samambaia, 50 famílias montaram um acampamento ao lado da Administração Regional de Samambaia para pressionar o governo a doar lotes. Entretanto, para negociar o governo exige a desocupação da área.

“O pessoal não vai arredar o pé enquanto não houver uma proposta”, devolveu o presidente do Sindicato dos Inquilinos, Francisco Piauí.

A realidade é cruel. O vento sacode o pó vermelho que se espalha pelo acampamento de invasores. Preparada a céu aberto, a comida também está impregnada de poeira.

LISTAGEM

Segundo Lima, o Idhab tem uma política habitacional que contempla três pontos. O primeiro é seguir a lista dos cadastrados. A lista original tem 80 mil pessoas, mas o número deve ser reduzido à metade quando forem excluídos os contemplados pelo programa de distribuição de lotes.

O Idhab também vai ajudar a construir casas as famílias que fazem parte de algum segmento organizado, como associações de moradores. O último item prevê a garantia de moradia para invasores históricos de Brasília, como os do Lixão da Estrutural. “Os detalhes serão fornecidos quando o governador voltar ao Brasil”, encerrou Lima.

Crianças chorando, mães aflitas, chefes de família desempregados aguardam uma solução para a falta de moradia. Com a desocupação da QR 602, duas famílias acamparam ao lado da administração regional para pressionar o governo a distribuir lotes.

Na ocasião, a administração consentiu. Mas só que o número de famílias acampadas no local saltou para 50. E a lista não pára por aí. O Sindicato dos Inquilinos do DF, representante da categoria, cadastrou 1.210 famílias.

ALTERNATIVAS

“Temos buscado alternativas desde a instalação do impasse. Cumprimos todos os acordos verbais que fizemos com os invasores, mas eles não cumpriram a parte deles”, argumentou o chefe de gabinete da administração de Samambaia, Luiz Roberto Vieira.

Segundo Vieira, o Sindicato dos Inquilinos permitiu o aumento deliberado de famílias no local. Ele também lembra que a lista de cadastrados levada para a administração continha, inicialmente, 500 famílias. “Quando exigimos que todos os nomes da lista estivessem com os dados completos preenchidos, esse número caiu para 297”, explicou o chefe de gabinete.

Desses 297, a administração le-

Paulo de Araújo



Maria Luzinete é a cozinheira do acampamento. Em meio ao pó, faz a única refeição de mais de 50 famílias que ocupam a área ao lado da Administração de Samambaia

vantou que apenas 37 são cadastrados no Idhab. “Os demais são pessoas que moram há menos de dois anos em Brasília. Muitos estão passando férias e até têm onde morar em seus estados de origem”, ressaltou Vieira.

“Vamos agora chamar o povo para invadir as salas do Idhab e os gabinetes do governo. Levaremos a bandeira verde-amarela (a bandeira do Brasil) para mostrar a nossa força e a nossa responsabilidade”, convocou o deputado Adão Xavier (sem

partido), cuja base eleitoral fica em Samambaia.

PÉ DE PORCO

As famílias que estão no acampamento vivem em condições precárias. Barracos cobertos de plástico abrigam inúmeras pessoas. A maior parte da comida vem de doações. Trabalhadores que dispõem de algum rendimento também ajudam com alimentos.

Para o almoço de ontem, mulheres cozinham arroz e pé de porco.

O alimento foi repartido entre as mais de 50 famílias. O jantar, raramente acontece. Algumas vezes, na falta de costeletas ou pé de porco, ossos são misturados ao arroz na tentativa de se enganar o paladar ou dar a impressão que a panela está mais cheia.

Ela tem um marido desempregado, cinco filhos, uma sobrinha. É Maria Luzinete Apolinário, a cozinheira “oficial” do acampamento. “Não tive outra escolha a não ser vir para cá. Sem emprego, meu marido

não tem como dar comida para os filhos e menos ainda para pagar o aluguel. É uma vida sofrida”, afirmou Maria Luzinete. Natural de Campina Grande (GO), ela mora há sete anos no DF e luta por um pedaço de chão.

Mãe solteira, com quatro filhos e desempregada, Ana Carmem Mesquita já decidiu: não deixa o acampamento sem a promessa de um lote. “Não posso trabalhar porque não tenho onde deixar meus filhos”, argumenta.